



Jornal do Paraíso: um projeto de extensão nascido na comunidade¹

Priscila NOERNBERG²

Juciano de Sousa LACERDA³

Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, Joinville, SC.

1. APRESENTAÇÃO: Jornal do Paraíso

O reconhecimento da importância do jornalismo como construtor de representações levou lideranças de um bairro de Joinville (SC), o Jardim Paraíso, localizado na periferia da cidade, a procurarem o Curso de Comunicação Social, da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/IELUSC, em março de 2007, para pedir apoio na elaboração de um jornal local, produzido pelos próprios moradores. A comunidade já vinha discutindo um projeto de criar um jornal para o bairro desde o início do ano de 2006. Fizeram um contato informal ainda no final daquele ano e, em março de 2007, ofereceram uma proposta de projeto em que apresentavam o contexto do bairro, justificativas e objetivos.

O que os representantes do bairro desejavam era criar um jornal voltado aos moradores do Jardim Paraíso, para o qual a própria comunidade pudesse gerar informação local e trocar experiências, promover ética, cidadania e gerar intercâmbio entre ações das organizações locais com o propósito geral de “mudar o conceito e zelar pela integridade do Bairro Jardim Paraíso” (*Objetivos*, Projeto Jornal do Paraíso). Durante o processo de discussão do projeto, entre março e junho de 2007, ocorreram várias reuniões no próprio bairro, o Núcleo de Estudos em Comunicação (Necom) do Bom Jesus/IELUSC assumiu o diálogo com a comunidade e recebeu apoio do Núcleo de Expressão Gráfica (Negra), ouvindo a comunidade sobre o perfil editorial que deveria ter o jornal e que identidade gráfica. Os representantes comunitários decidiram pelo nome de “Jornal do Paraíso”, para um jornal em formato tablóide, de periodicidade mensal, com oito páginas, capa/contra-capa e páginas centrais em cores. O Conselho Editorial foi composto por 11 moradores que representam o conselho de segurança

¹ Trabalho submetido ao XIX Expocom, na categoria B Jornalismo, modalidade produto Impresso, como representante da Região Sul.

² Estudante de Graduação 7º. semestre do Curso Jornalismo do IELUSC, bolsista do Projeto de Extensão *Jornal do Paraíso*, realizado pelo Núcleo de Estudos da Comunicação (Necom-IELUSC), email: pri.noernberg@hotmail.com

³ Jornalista, Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS), pesquisador do Núcleo de Estudos da Comunicação (Necom), do Curso de Comunicação Social do IELUSC, Coord. do Projeto de Extensão em Jornalismo Comunitário *Jornal do Paraíso*, email: juciano@ielusc.br.



local; as associações de moradores; Igrejas de várias denominações; educação; meio ambiente; serviços públicos; comunicação; educação infantil; comércio e indústria; saúde e um representante do Bom Jesusu/Ielusc.

A primeira edição foi lançada no dia 5 de julho, num culto ecumênico, na Escola Municipal Rosa Maria Berezóski, no Jardim Paraíso. A última edição foi publicada em 1º de março de 2008.

2. OBJETIVOS: as perspectivas do projeto

Para a construção da visão de comunicação comunitária que baliza o projeto de extensão *Jornal do Paraíso*, partimos da percepção de que o espaço comunitário se constitui como *o lugar* para a renovação das esferas públicas e para transformação das práticas da cultura profissional jornalística, num equilíbrio entre “saber, fazer e pensar” (GOMES*, 2001: 102-103). Ou seja, construir um processo comunitário de produção jornalística em que a ênfase não está somente na transmissão de valores reconhecidos no jornalismo tradicional: “o saber”. Nem voltada totalmente para as técnicas de redação e edição jornalísticas: “o fazer”. Tudo isso tem que estar articulado com o “processo de transformação da pessoa e das comunidades”, numa “interação dialética entre as pessoas e sua realidade”, articulando o desenvolvimento de capacidades intelectuais com a consciência social. Pois “o problema acontece quando se hipertrofia o saber ou o fazer em detrimento do pensar, não se questionando o processo” (GOMES*, 2001: 103).

Como projeto de extensão, o *Jornal do Paraíso* foi proposto como estratégia comunitária e coletiva de comunicação, mobilização, debate dos problemas locais e participação da comunidade nas soluções e perspectivas. Pretende criar uma esfera pública midiática local para o debate e intercâmbio das ações beneficentes desenvolvidas por igrejas, escolas, postos de saúde, organizações da sociedade civil e entidades de desenvolvimento comunitário. E, ao mesmo tempo, proporcionar a leitura e o entretenimento. O jornal procurará refletir e problematizar a comunidade local em sua relação interna, mas também fazendo a mediação das representações do bairro construídas pelos meios massivos em Joinville. Para isso, a prática jornalística será articulada a estratégias educativas e de fortalecimento da consciência da população local sobre sua história, práticas culturais e identidade. E também facilitar o intercâmbio de informações, o diálogo entre as organizações locais e os moradores e a promoção de



formas educativas a partir da leitura e produção noticiosa e de outros gêneros da linguagem jornalística.

3. JUSTIFICATIVA

Além de propor uma reflexão sobre os grandes meios de comunicação em massa, a justificativa do projeto permeia o que as lideranças da comunidade do Jardim Paraíso propuseram ao Curso de Comunicação:

O Bairro Jardim Paraíso sofre continuamente com a fama de Bairro mais violento de Joinville, esta fama se propaga devido o ataque contínuo da mídia que age com parcialidade vendo apenas a violência, que de fato tem assustado muito gente, porém, violência não é a única coisa que acontece por aqui, quem mora aqui, sabe que apenas uma minoria da população desocupada e envolvida com o tráfico é responsável por esta fama. [trecho da *Justificativa*, Projeto Jornal Paraíso, março 2006]

Com esta perspectiva que norteia o trabalho, o Jornal do Paraíso, além de contribuir para o resgate da auto-estima daquela comunidade também possibilitará aos alunos de Jornalismo do Bom Jesus/IELUSC participar e vivenciar que uma “outra comunicação é possível”, fora da lógica tradicional de mercado e próxima de uma comunidade concreta de leitores, numa perspectiva concreta de comunicação para a cidadania e troca de saberes.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS: decisões tomadas em consenso: rotinas de produção e participação

Do ponto de vista metodológico, há reuniões mensais para discussão de pautas para o mês seguinte e avaliação da edição anterior, em que participamos (professor-orientador e bolsista de jornalismo) em atitude de escuta, com poucas intervenções. Os representantes trazem as pautas de suas áreas de atuação e decidem o tema principal. Há um prazo para entrega dos textos produzidos, que são revisados por nós e sofrem um processo mínimo de edição. Esse resultado é apresentado numa reunião de fechamento da edição, com uma pré-diagramação⁴ dos textos acompanhada dos textos originais enviados, para que os membros do conselho comparem e identifiquem as mudanças, aprovando-as ou pedindo adaptações.

⁴ O programa utilizado pela bolsista para a diagramação é o Adobe InDesign CS2.



O jornal passa ainda por uma última revisão gráfica e de ortografia e é enviado para a impressão. Está previsto no projeto a realização de avaliações trimestrais com o conselho e capacitações continuadas do conselho editorial. Estão propostas também capacitações na área de produção de textos e fotografia, para jovens que queiram se iniciar na prática do jornalismo comunitário, com expectativas de desenvolver suas habilidades e competências comunicativas com o propósito de contribuir para a qualificação dos processos locais de comunicação.

A primeira oficina de texto jornalístico aconteceu nos dias 10 e 11 de novembro de 2007. Já a oficina de fotografia foi realizada nos dias 24 e 25 do mesmo mês. Desta experiência, nasceram duas equipes de reportagens que produzem material para ser publicado no jornal. As pautas ora são sugeridas pelo conselho, ora provêm da iniciativa destes colaboradores.

No *Jornal do Paraíso*, a participação comunitária não se limita a ser fonte nas mensagens, mas membros da comunidade, participantes ou não do conselho editorial escrevem notícias, artigos e fazem fotos⁵. Há uma convocação para que leitores produzam notícias e enviem para o conselho editorial. Os membros do conselho sugerem pautas, produzem textos (ou encaminham para outras pessoas da comunidade escreverem), avaliam os textos produzidos e aprovam ou não o tratamento textual realizado por nós durante a edição.

Entre dez e quinze dias depois da reunião de pauta, os colaboradores enviam o material para edição e pré-diagração.

Tabela 1 – Datas das reuniões e prazos de entrega do material

Edição	Pauta	Entrega Material	Avaliação	Publicação
1 JULHO	5 de junho	19 de junho	26 de junho	05 de julho
2 AGOSTO	2 de julho	17 de julho	02 de agosto	04 de agosto
3 SETEMBRO	6 de agosto	17 de agosto	23 de agosto	01 de setembro
4 OUTUBRO	4 de setembro	17 de setembro	20 de setembro	29 de setembro
5 NOVEMBRO	2 de outubro	15 de outubro	25 de outubro	3 de novembro
ESPECIAL	25 de outubro	19 de novembro	22 de novembro	1 de dezembro
6 MARÇO	7 de fevereiro	18 de fevereiro	21 de fevereiro	1 de março

No primeiro encontro, a introdução dos que não estavam acostumados com os jargões jornalísticos iniciara com uma breve explanação sobre “o que é pauta?”. Em

⁵Foi determinado que a bolsista produziria apenas uma reportagem especial e uma notícia por edição.



meio a dúvidas, as sugestões de assuntos foram disparadas. No caos deste encontro, o coordenador Oziel Marian⁶ sugeriu que o jornal fosse dividido em sessões, assim, cada “órgão” do bairro estaria representado. O tema foi posto em votação e aprovado. As “editorias” ficaram compostas por saúde, educação, variedades, comércio, comunidade e especial. Desde então, cada segmento decide, previamente, o assunto mais importante e traz para o encontro a sugestão, que pode ser contestada ou não.

O planejamento, a formatação, periodicidade, número de páginas foram questões decididas pelo conselho editorial. A gestão⁷ financeira também é realizada pelo conselho, que elaborou sua própria planilha para calcular o preço da publicidade, a partir dos custos do jornal, confrontados com a realidade local.

Após a publicação da segunda edição, o próprio conselho manifestou a necessidade de criar um estatuto. O regimento começou a ser elaborado, mas ainda não foi concluído, pois todos os tópicos necessitam de tempo para debate pelo grupo. O respeito a processualidade é fundamental para o projeto. Alguns pontos estão definidos: entidades que compõem o conselho; como fazer parte;⁸ dia das reuniões, sendo a de pauta na 1ª terça-feira de cada mês e a de avaliação, na 3ª quinta-feira.

O conteúdo é explorado de várias maneiras, abrindo espaço inclusive para cruzadas de palavras, reportagem sobre contação de história na forma de revista em fotonovela infantil, reportagens com histórias de vida, dicas de saúde alimentação etc. Há sempre o risco de um jornal que quer mobilizar a comunidade cair no *instrumentalismo*. Podemos dizer que o JP está no limite, há reportagens e notícias de tom mobilizador, mas as linguagens não são instrumentalizadas com o intuito de “passar idéias” das lideranças do bairro. O humor, como gênero, ainda aparece muito pouco. A questão que se apresenta é: poderia ser a “mobilização”, a reconstrução da imagem do bairro pelos próprios moradores, o sonho da comunidade ou se trataria de um desejo somente das lideranças que fazem parte do conselho? Não temos respostas ainda.

Quando os participantes, ao avaliarem o primeiro jornal, ao decidirem sobre o que abordar na capa ou as fontes de financiamento, é possível perceber que são sujeitos

⁶ Oziel foi escolhido pelos demais membros do conselho para presidi-lo.

⁷ O *Jornal do Paraíso* tem inicialmente como pessoa jurídica a Associação de Moradores do Paraíso (Amopar). O conselho pretende criar uma pessoa jurídica própria no futuro e desvinculá-lo da Amopar, para que próximas lideranças da associação não possam intervir diretamente na publicação. Para isso, há o desejo de se criar uma ONG Comunitária do Paraíso.

⁸ As organizações sociais devem indicar o nome de seu representante numa carta de apresentação.



e não somente espectadores do processo. Isso é importante para a *formação de identidade*, mas o desafio está em desenvolver essa característica numa amplitude maior e que acompanhe as dimensões do Jardim Paraíso, com seus mais de 20 mil habitantes. Isso não é possível em sete edições, com uma tiragem de 3 mil exemplares. Mas um aspecto que se pode perceber é o poder de *preservação da memória* que um jornal comunitário tem, principalmente se há espaço para reportagens de maior fôlego e se a própria comunidade é protagonista das falas e imagens que compõem nas narrativas noticiadas. Na reportagem sobre a história do bairro, que abriu a primeira edição, muitos ficaram surpresos em desconhecer a própria linha do tempo do bairro e seus protagonistas.

A partir do diálogo com as proposições de Paulo Freire e Habermas, buscamos compreender os processos de *controle do poder*, de *moderação da burocracia* e as *negociações* que se constroem no processo de produção do JP. As negociações realizadas até agora demonstraram que a burocracia tem sido evitada como caminho para mediar as ações e o poder de decisão é proposto como coletivo. Contudo, é possível perceber sujeitos com maior ou menor poder de argumentação na defesa de interesses, mas não a ponto de estabelecer assimetrias profundas.

REFERÊNCIAS

GOMES, Pedro Gilberto. **O jornalismo alternativo no projeto popular**. São Paulo: Paulinas, 1990.

FREIRE, Paulo. A teoria da ação antidialógica. In: **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 p. 121-184.

HABERMAS, Jürgen. Consciência moral e agir comunicativo. In: HABERMAS, Jürgen. **Consciência moral e agir comunicativo**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003, p. 143-234.

LACERDA, Juciano de Sousa. NOERNBERG, Priscila. Notícias do Paraíso: considerações sobre os três primeiros meses de um jornal comunitário. **Revista PJ:Br** (São Paulo), v. 9, p. 13 páginas, 2007a, disponível em <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografias9_e.htm>, acesso em 15 de mar. 2008.

PERUZZO, Cicília M. K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

